

## Os intelectuais e o poder<sup>1</sup>

Simon Schwartzman

(1979?)

A proximidade entre "intelectuais" e "poder" traz sempre uma ideia difusa de pecado. Os intelectuais, por estarem próximos de formas mais altas de conhecimento, parecem ter, por isto mesmo, um tipo de virtude aparentemente oposto à realidade sórdida e mesquinha do exercício efetivo do poder, frequentemente brutal e ignorante. Mas todos sabemos do grande vínculo que une Chapeuzinho Vermelho ao Lobo: os intelectuais sonham com o poder todo o tempo, e justificam este sonho por sua capacidade de, graças ao uso da inteligência, purificá-lo. O poder também não é indiferente a este namoro, já que, sem a inteligência, lhe falta prestígio, o reconhecimento e a aceitação que todos os que mandam gostam que lhes seja atribuído. Este casamento, quando se consuma, tem dado resultados os mais inesperados. A transfiguração do intelectual em homem de poder, cínico em relação ao romantismo das ideias abstratas e preocupado exclusivamente com o realismo da política quotidiana sem normas nem princípios é um extremo; a intelectualização do poder, levando a seu exercício cada vez mais intenso e absoluto em nome de princípios abstratos e retóricos é o outro.

Na realidade, os "intelectuais", como categoria social, não se definem pelo conhecimento especial que possuem nem pelo uso que façam da inteligência e da cultura, mas, exatamente, pela sua relação com o poder. São *intelectuais*, fazem parte da *intelligentsia* - aquelas pessoas que se dedicam a oferecer a suas sociedades uma interpretação delas mesmas, e a se atribuir um lugar especial de prestígio e poder em seu meio como formuladores desta interpretação.

No passado, esta função intelectual era exercida quase sempre pelo sacerdote ou profeta, que transmitia às massas um sentido para sua existência, e, conforme as circunstâncias, legitimava ou minava a legitimidade do poder político estabelecido. A sociologia da religião nos mostra as diversas formas pelas quais a religião participa da vida social e se relaciona com o poder. Quando as elites políticas, militares e religiosas são integradas, a religião se organiza como Igreja, o líder religioso se profissionaliza como sacerdote que interpreta o mundo e santifica os rituais da ordem social e do poder. Quando, no entanto, esta integração não se dá, por razões históricas de vários tipos, o líder religioso se transfigura em profeta, a burocracia sacerdotal dá lugar ao exemplarismo do carisma, e a organização estável da igreja dá lugar à mobilização intensa e apaixonada das seitas. Os ritos do poder perdem sua legitimidade e seu prestígio, e uma nova ordem - mais pura e próxima da verdade, disputa o poder com a antiga.

A diferença principal entre os líderes religiosos do passado e os intelectuais do presente é que, na época contemporânea, os intelectuais tendem a fazer valer sua

---

<sup>1</sup> Apresentado na mesa redonda sobre *Os Intelectuais e o Poder*, com a participação de Sergio Micelli e Eduardo Carneiro Leão. (evento e data precisa não registrados)

força e seu prestígio não mais pela proximidade com Deus, mas em nome da ciência e da razão. O racionalismo iluminista de fato deu forma, como sabemos, a todo o processo de "racionalização" das sociedades modernas trazido pela revolução industrial e burguesa. O marxismo, que dele faz parte, se pretendia a própria encarnação da razão superior como força social capaz de levar a sociedade ao seu próximo estágio de desenvolvimento, amadurecimento e conhecimento de si mesmo.

Se o poder, nas sociedades modernas, não passou para os intelectuais, eles pelo menos tiveram a oportunidade de se profissionalizar, de encontrar um lugar em que pudessem trabalhar e desenvolver suas capacidades específicas, de forma cada vez mais especializada e complexa. Os sistemas modernos de educação superior, pesquisa científica e produção intelectual e cultural estão para os intelectuais revolucionários do enciclopedismo como as estruturas complexas estavam para as seitas religiosas e seus profetas do passado. Aos poucos, os profissionais da inteligência deixaram na sociedade moderna suas características de "intelectuais" entre aspas, e começaram a se definir cada vez mais pelas suas profissões específicas -como cientistas, pesquisadores, historiadores, economistas, etc. Não é por acaso que o tipo mais clássico de intelectual tenha se mantido com mais força exatamente nas sociedades que não conseguiram criar um espaço mais estável e institucionalizado para as profissões da inteligência.

Mesmo nos países mais ricos e socialmente estáveis, no entanto, esta incorporação pacífica do intelectual tem suas dificuldades. As instituições científicas, culturais e educacionais custam cada vez mais caro, e nem sempre conseguem os recursos que desejam; o prestígio e a legitimidade que o conhecimento proporciona nem sempre são reconhecidos pelos que mandam. A atividade cultural frequentemente se transforma, para o homem de cultura, em um exercício difícil, penoso, altamente competitivo, frustrante ou alienado. Tanta inteligência, tanto estudo, para que? Para publicar mais um artigo, ou ensinar para mais uma turma de estudantes desinteressados, ou vender mais um produto? É assim que volta, frequentemente, a nostalgia pelo poder, pela política. O profissional da cultura sai de seu casulo, abandona sua linguagem esotérica, e escreve e fala diretamente para o povo.

Não é, entretanto, possível voltar aos bons tempos do iluminismo. Não só as ciências físicas e naturais, mas também a economia, a sociologia, a própria filosofia são hoje atividades altamente especializadas e profissionais, que exigem dedicação integral e exclusiva. Não é infrequente, assim, que o homem de cultura transformado em intelectual tenda a renegar sua ciência, a combater a academia que lhe deu origem, e a buscar verdades mais profundas que não tenham que passar pela complexidade do conhecimento institucionalizado e organizado.

Daí ao profetismo clássico a distância é pouca. Não é por acaso, portanto, que uma das características mais comuns dos intelectuais contemporâneos seja seu irracionalismo. É um irracionalismo que se exerce, frequentemente, de forma não confessada, pela busca de outras "ciências" intuitivas que deem respostas mais diretas e satisfatórias -sejam elas as ciências orientais, as medicinas não convencionais, a economia política marxista novecentista ou alguma das correntes intelectuais recém importadas de Paris. Em todos os casos, o conhecimento é

revelado e garantido por alguns autores ou líderes mais salientes, que substituem a imprecisão, as generalidades e o obscurantismo das ideias pela força de suas convicções e por sua autoridade pessoal, o que é reforçado pela coesão das seitas de seus seguidores. Em outros casos, o irracionalismo se manifesta com toda sua força, na forma de ideologias raciais, religiosas e nacionais que deixam de lado qualquer pretensão de cientificidade e mergulham de corpo inteiro no profetismo.

O que esta situação revela é que o ideal iluminista, de uma racionalização progressiva das sociedades modernas que daria aos intelectuais um lugar de preeminência, não se deu nem se dará. A política e as disputas de poder nas sociedades contemporâneas, assim como nas passadas, obedecem a uma lógica de interesses e de força, e não de razão. O Estado e os grupos de poder modernos utilizam, e cada vez mais, o conhecimento e a inteligência como técnica, ou seja, como forma de exercício do poder sobre a natureza e sobre os outros homens; mas, neste tipo de contexto, o intelectual é tão somente um instrumento de fins que lhe são alheios.

Acredito que, se existe ainda um lugar legítimo para uma *intelligentsia* em um contexto como este, ele consiste exatamente em tratar de manter a separação entre a atividade intelectual e o poder, e não sua união. A nova *intelligentsia*, se ela não quer cair no irracionalismo, não pode se afastar das formas contemporâneas de organização social para a produção do conhecimento, que são as instituições educacionais, científicas e culturais das sociedades contemporâneas. E para não cair na mera instrumentalidade, na mera técnica - e na crença, hoje desmoralizada, de que o mais complexo tecnicamente é social e moralmente melhor - deve ressaltar cada vez mais a importância do pensamento independente, do conhecimento pelo conhecimento, da visão crítica ainda que pouco prática e instrumental.

Ela deve, em outros termos, buscar um espaço entre a instrumentalidade a serviço da política e do poder e o irracionalismo dos profetismos - um espaço caracterizado pelo pluralismo, pela preservação da complexidade social e pela valorização da atividade intelectual em todos os seus aspectos. Isto é muito menos do que pretendem os profetas e os intelectuais enamorados do poder, mas é fundamental na busca de uma sociedade mais aberta e capaz de se aperfeiçoar e se adaptar melhor ao mundo de hoje.

Em outras palavras, e voltando à metáfora inicial: não tem sentido defender a virgindade de Chapeuzinho Vermelho, e nem propor que ela se submeta de uma vez às vontades do Lobo. importante é que Chapeuzinho se torne adulta e independente, capaz de andar por seus próprios pés, e possa, a partir daí, decidir quando e em que condições o Lobo lhe interessa.